

Módulo 4 Video Classe 6: Entrevista con Pedro Conceição

Amanda Rossi Olá! Bem-vindas e bem-vindos a mais um vídeo do Módulo 4, do curso "Jornalismo na Pandemia: Cobertura da COVID-19 agora e no futuro". Eu sou Amanda Rossi, instrutora assistente da Maryn nesse curso, em português. Neste vídeo, a gente vai conversar com Pedro Conceição, que é diretor e principal autor do Relatório de Desenvolvimento Humano, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Pedro Conceição, muito obrigada por encontrar um tempo para conversar com a gente hoje.

Pedro Conceição É um gosto, muito obrigado pelo convite.

Amanda Rossi Para a gente começar, o senhor poderia resumir um pouco as principais conclusões do último Relatório de Desenvolvimento Humano, que foi lançado no final do ano passado - então, quando a gente ainda não tinha conhecimento da pandemia? Uma das tônicas foi a desigualdade, não? Para a gente entender um pouco do nosso ponto de partida, o senhor poderia resumir um pouco as conclusões desse último relatório?

Pedro Conceição Sim, claro, com todo o gosto. Eu diria que a conclusão principal do relatório foi alertar para aquilo que se pode considerar uma nova geração de desigualdades. Há uma discussão que já se vem desenrolando ao longo dos últimos anos, décadas, sobre desigualdades na distribuição da riqueza, desigualdades econômicas na distribuição da renda das famílias. Mas nós chamamos a atenção para outro tipo de desigualdades, desigualdades que tem a ver com diferenças no acesso a serviços de educação de qualidade, a serviços de saúde de qualidade. E também acesso a tecnologias, como acesso à internet, que podem permitir às pessoas participar mais ativamente das oportunidades que nos oferecem as novas realidades, como a economia digital.

Pedro Conceição E aquilo que nós identificámos no relatório do ano passado foi que, quando considerávamos indicadores que tinham a ver com aspectos mais básicos, por exemplo, acesso à educação primária, aí estávamos a ver uma redução das desigualdades. Mas se olhássemos para outros aspectos, como educação no ensino superior, por exemplo, ou educação de qualidade, aí estávamos a observar que havia desigualdades que estavam a abrir. Novas desigualdades que estavam a abrir. Por isso, alertamos para a importância destas novas desigualdades, desta nova geração de desigualdades, que vão para além das desigualdades que têm a ver com a distribuição da riqueza ou desigualdades econômicas. Agora, no contexto da epidemia da COVID-19, muitos dos riscos que nós estávamos a alertar no relatório do ano passado vieram a se materializar, de fato.

Amanda Rossi Abordando esse momento que estamos vivendo hoje. O PNUD lançou hoje um documento que diz que a pandemia está "desencadeando uma crise de desenvolvimento humano". E essa não é uma preocupação de agora. Desde o começo... Eu queria até ressaltar uma frase do Dr. Tedros, diretor-geral da OMS, de 26 de fevereiro, quando ele declarou: "Nós não estamos apenas lutando para conter o vírus e salvar vidas, mas também estamos lutando para conter os danos econômicos e sociais de uma pandemia global pode gerar". O senhor poderia falar um pouco mais para a gente sobre esses impactos sócio-econômicos, que já temia-se desde o começo, e essa crise de desenvolvimento humano que vocês estão alertando que a gente está vivendo?

Pedro Conceição Claro! É importante, primeiro, lembrar o conceito de desenvolvimento humano. O conceito de desenvolvimento humano foi apresentado e introduzido pelo PNUD, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, em 1990. Faz agora 30 anos. E a ideia era muito simples: a ideia foi simplesmente dizer que aquilo que é relevante para perceber a forma como as sociedades estão a se desenvolver, para perceber o progresso, tem a ver seguramente com a economia, porque as pessoas precisam de ter condições econômicas para ter um padrão mínimo, minimamente aceitável de vida. Mas isso só não é suficiente. É preciso olhar também para indicadores que se relacionam com educação, e indicadores que se relacionam com a saúde. E, com base neste princípio, construímos uma medida que se chama Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que tem indicadores que medem os aspectos econômicos, os aspectos de saúde e os aspectos da educação. Tivemos crises no passado, nos últimos 30 anos, que afetaram uma destas componentes. Por exemplo, a crise global de 2008-2009 foi

essencialmente uma crise econômica, que teve efeitos muito profundos sobretudo no domínio econômico.

Pedro Conceição Com esta crise [da COVID-19], o que estamos a verificar é, começando pelo aspecto da saúde, uma crise de saúde não só pelas pessoas que são afetadas diretamente pelo vírus, ou que estão em risco de serem infectadas. Mas também pela pressão que a epidemia está a colocar nos sistemas de saúde, em todo o mundo, que começa a ter efeitos na prestação de serviços de saúde. Inclusive, taxas de imunização e de vacinas a crianças. Há um estudo que nós citamos no nosso relatório que prevê que pode haver, nos próximos 6 meses, um aumento do número de mortalidade infantil de 6 mil mortes que podiam ser prevenidas com intervenções de saúde, como resultado desses efeitos secundários. Portanto, não são causadas diretamente pelo vírus, mas por efeitos secundários. Portanto, há um choque grande que está a ocorrer nos indicadores que têm a ver com a saúde.

Pedro Conceição Mas também está a haver um choque no aspecto econômico, porque as medidas de contenção que estão a ser postas por muitos governos, ou pela simples reação das pessoas para tentarem se proteger da infecção, têm levado a uma desaceleração muito elevada da atividade econômica. De tal forma que o Fundo Monetário Internacional (FMI) prevê que estejamos a confrontar, ou estejamos a ser confrontados, com a maior recessão desde a Grande Depressão dos anos 1930 do século passado. Portanto, choque na saúde, choque na atividade econômica e também choque na educação.

Pedro Conceição Porque muitas escolas foram fechadas, em muitas partes do mundo. Houve uma altura em que 9 em cada 10 crianças em idade escolar não tinha acesso à escola, porque as escolas estavam fechadas. E aquilo que faz a diferença entre poder continuar a aprender ou não é ter acesso à internet. Porque crianças que têm acesso à internet, e escolas que estão preparadas para dar acesso à internet a professores podem continuar a com os serviços de educação. Portanto, o que nós fizemos foi calcular qual é o efeito que tem as desigualdades no acesso à internet. Tínhamos salientado no relatório do ano passado como sendo muito importante. E, neste momento, é isso que causa a maior diferença. Ter acesso ou não ter acesso à internet determina se há acesso ou não há acesso à educação. Como há uma grande desigualdade no acesso à internet, há também uma grande desigualdade neste momento, e um grande choque, nos serviços de educação também.

Pedro Conceição Portanto, as três componentes do Índice do Desenvolvimento Humano, componente de saúde, componente econômica, componente de educação estão a ser afetadas de forma muito importante, de forma muito significativa, ao mesmo tempo, e virtualmente em todos os países do mundo. E isso leva nos a estimar que, neste momento, o desenvolvimento humano está a sofrer o maior choque, desde que nós começámos a medir este conceito, 30 anos atrás.

Amanda Rossi Depois, eu vou perguntar para o senhor um pouco mais especificamente sobre alguns desses três pilares. Mas, antes, eu queria fazer uma outra pergunta. A maior parte dos alunos desse curso, na língua portuguesa, é do Brasil. E, no Brasil, a saúde e a economia, especificamente, têm sido apresentadas como duas esferas separadas. O presidente Jair Bolsonaro costuma dizer que "o remédio não pode ser pior do que a doença". E com "remédio" ele está querendo fazer referência às medidas de isolamento. Como se, ao retirar essas medidas de isolamento, a gente pudesse fazer voltar a economia, e esses problemas não fossem existir. Então, eu queria fazer essa ponderação para perguntar para o senhor se é possível fazer essas duas coisas ao mesmo tempo? Cuidar da crise de saúde e cuidar da crise da economia. Quais são as sugestões do PNUD para fazer isso em conjunto, se for possível?

Pedro Conceição A perspectiva do desenvolvimento humano coloca a ênfase e o foco nas pessoas. A economia é importante, mas na medida em que serve ao interesse e às aspirações das pessoas. Essa é a perspectiva do desenvolvimento humano. Portanto, olhando por esta perspectiva de desenvolvimento humano, o que interessa é saber como se pode preservar a capacidade de as pessoas manterem os seus padrões de vida [dentro do] minimamente aceitável. Num contexto em que há esta desaceleração na atividade econômica, resultado de medidas que são postas por governos. Mas muitas dessas medidas nem são impostas necessariamente pelo governo, resultam também do comportamento das pessoas. Elas próprias

que decidem, por exemplo, não frequentar lugares em que a congregação de um grande número de pessoas.

Pedro Conceição Portanto, o que é importante, na nossa perspectiva, é tentar tomar medidas que mantenham o fluxo de renda para as famílias. Na verdade, a maior parte dos países em todo o mundo está a tomar medidas neste contexto. O Fundo Monetário Internacional (FMI) estima que haja a mobilização neste momento de US\$ 8 trilhões, globalmente, para assistir às famílias, para assistir a algumas empresas, para tentar... não para manter a atividade econômica, porque a atividade econômica, como resultado da epidemia, vai desacelerar inevitavelmente. Mas para manter aquilo que importa, no fundo, do ponto de vista do desenvolvimento humano, é o padrão de vida das pessoas.

Amanda Rossi E falando sobre essa questão de padrão de vida, de renda. Uma preocupação que a gente tem, bastante no Brasil, mas também nos outros países de língua portuguesa, é a questão da pobreza. No Brasil, particularmente, a gente já vinha em uma situação se deteriorando nos últimos anos. O número de pessoas em situação de extrema pobreza vem crescendo e já é maior que a população de Portugal. E agora a gente enfrenta a COVID-19. E queria pontuar também, a gente falou da desigualdade... Nas cidades mais afetadas, quando a gente analisa os bairros mais afetados, são os bairros mais pobres que têm os maiores números de casos e óbitos [de COVID-19]. Apesar de, no início, ter sido nas regiões mais ricas, com pessoas que viajavam para o exterior, hoje, a gente vê que os bairros mais pobres estão sendo mais afetados. Então qual pode ser o impacto da COVID-19 em relação à pobreza e à desigualdade? Especificamente no Brasil, mas também nos outros países de língua portuguesa. E o que pode ser feito para reduzir esse impacto, aumentar a renda das pessoas e a gente não ver uma queda tão maior nos nossos indicadores em relação a pobreza e desigualdade?

Pedro Conceição Há dois fatores, três na verdade, através do qual o impacto do vírus está afetando as pessoas. E tem a ver com os três elementos do desenvolvimento humano. Há um aspecto econômico, a diminuição da renda das famílias. E aí, as medidas, tanto quanto possível, devem ser complementadas por intervenções dos governos para tentar sustentar o rendimento, a renda das famílias, na medida em que a atividade econômica desacelera. O segundo impacto tem a ver com a saúde. E aqui eu queria salientar não só o impacto direto nas taxas de infecção. Como Amanda disse, muitas vezes, quando a transmissão começa a ser na comunidade, e não fruto das viagens internacionais, tende a ser mais grave e mais rápida em comunidades de renda mais baixa, em todo o mundo. Mas também um efeito indireto. Porque os serviços de acesso à saúde, com a procura para responder à pandemia da COVID-19, começam também a ser reduzidos. E finalmente o aspecto da educação. Porque aquelas famílias que podem não ter acesso à internet, ou mesmo tendo acesso à internet se calhar só têm um computador em casa, que tem que ser partilhado por todas as crianças, pelos pais, se os pais também estão a trabalhar. Tudo isto tem o potencial de fato de aumentar a pobreza e aumentar ainda mais as desigualdades, muitas delas que já eram bastante elevadas ainda antes da crise.

Amanda Rossi Com relação à educação, especificamente. O próprio relatório do final do ano passado já mostra isso, que a gente já entrou na epidemia numa situação de desigualdade. A gente vê isso muito no Brasil. Um levantamento mostrou que metade dos estudantes não estão conseguindo fazer as aulas online porque não tem internet. Em Moçambique, 400 mil alunos não têm sala de aula e têm aula embaixo de árvores. Então, a gente já parte de uma situação estrutural. Agora, se a situação é estrutural, dá para fazer alguma coisa nesse momento? Buscar soluções alternativas ou mesmo até corrigir de alguma forma acelerada essas desigualdades estruturais? Dá para fazer alguma coisa com relação à educação nesse momento?

Pedro Conceição Acho que, de alguma forma, a oportunidade existe. Nós estimamos que dar acesso à internet nos países de renda baixa e média custaria um pouco mais de 1% de todo o montante que está a ser mobilizado a nível global para responder à crise [da COVID-19]. Por isso, as estimativas que nós fizemos sobre o impacto no desenvolvimento humano atual podem não ser - e esperamos que não sejam - aquelas com que nos vamos confrontar no fim do ano. Tudo depende da resposta. Tudo depende da resposta que os governos, que a comunidade internacional conseguir mobilizar para permitir, tanto quanto possível, que as crianças continuem a ter acesso a serviços de educação, por exemplo. Isso pode até ser um estímulo adicional para fazer esses investimentos, que vão trazer benefícios, não só na resposta à crise de agora, mas

também no futuro, uma vez que vão levar à redução daquelas desigualdades, naquela nova geração de desigualdades que nós identificamos no relatório do ano passado.

Amanda Rossi O senhor falou que tudo depende da resposta. O relatório que foi lançado hoje lista três linhas mestras para a resposta, como sugestões do PNUD para enfrentamento dessa crise de desenvolvimento. O senhor poderia explicar em linhas gerais o que são essas essas 3 recomendações principais?

Pedro Conceição Claro. A primeira recomendação é que, quando se pensa nas intervenções e na resposta, é importante ter a perspectiva de, tanto quanto possível, reduzir as desigualdades. Seguramente que é possível para famílias de maior renda, que têm acesso a escolas privadas, a professores privados, de continuar a fazer a educação dos seus filhos, em qualquer parte do mundo, provavelmente. Mas o que acontece com os outros que não têm? Com os que têm renda mais baixa? Portanto, a resposta deve ter em consideração estas desigualdades. E tanto quanto possível encontrar formas de as reduzir.

Pedro Conceição Segundo, pensar em intervenções que ajudam na resposta a curto prazo, mas também tornam as famílias e as sociedades mais fortes para responder a crises no futuro. Portanto, voltando à questão do acesso à internet, é um bom exemplo. Aumentar a igualdade no acesso à internet pode não só contribuir para reduzir as desigualdades estruturais que já existiam antes da crise, mas também ajudar a que, no futuro, quando nos confrontamos com crises semelhantes ou de outra natureza, as famílias, as sociedades estejam mais bem preparadas para responder. Portanto, essa é a segunda prioridade.

Pedro Conceição E a terceira deverá ser considerar que a crise não é uma crise só de saúde. É uma crise de saúde, uma crise econômica, uma crise de educação. Uma crise em que estamos a mobilizar uma grande quantidade de recursos públicos. Nas decisões que vamos fazer sobre a alocação desses recursos, é importante pensar também em oportunidades de resolver problemas de mais longo prazo, por exemplo, as alterações climáticas. Se se fizerem investimentos que nos podem ajudar a mitigar as alterações climáticas, isso pode ter rendimentos também no futuro. E há um grande apoio popular para esse tipo de investimentos. Nós citamos no nosso relatório o resultado de uma sondagem de opinião recente, que mostra que mais de 70% dos adultos, em 14 países, com uma população bastante elevada, considera que a mudança climática é um desafio tão importante quanto a COVID-19. E dois terços das pessoas defendem também que os investimentos a ser feitos devem privilegiar o combate às alterações climáticas. Portanto, ter essa perspectiva de futuro é a terceira orientação que nosso relatório sugere.

Amanda Rossi Vou fazer uma última pergunta para o senhor. Uma vez que o público com quem a gente está falando, os nossos estudantes, os participantes desse curso são em sua maioria jornalistas, pessoas que trabalham com a comunicação. O que o senhor acha que os jornalistas devem fazer nesse momento, que pautas devem procurar? Essa é a primeira pergunta. A segunda, ainda em relação ao trabalho do jornalista. A gente percebe que uma dificuldade ao noticiar algumas das recomendações dos órgãos das Nações Unidas é a objeção que uma parte da população faz hoje em dia a esses órgãos. Vou dar um exemplo: quando um jornalista brasileiro dá uma notícia sobre alguma recomendação das Nações Unidas, ele costuma ouvir dos apoiadores do presidente Bolsonaro, principalmente, que a ONU é comunista. Então, se a ONU é comunista, o que a ONU diz não é válido. Como o jornalista pode lidar com essa realidade, em que os órgãos das Nações Unidas são colocadas como fonte não credível por uma parcela da população, com objetivos políticos?

Pedro Conceição É sempre importante que os jornalistas se guiem pelos seus padrões deontológicos e profissionais, de transmitir a informação de forma rigorosa e validada. Isso é verdade em qualquer altura. Mas nós nas Nações Unidas pensamos que é particularmente importante neste contexto. Porque o comportamento das pessoas, no fundo, vai depender obviamente daquilo que os governos dizem e das políticas dos governos. Mas, na verdade, as pessoas filtram informação, absorvem informação. E nós, no nosso relatório, documentamos que mais de 90% das pessoas em todo o mundo - mais uma vez uma sondagem de opinião - tomou medidas consistentes com esta ideia do distanciamento social. Portanto, as pessoas, se são confrontadas com a informação, que é verificada, que é validada, se isso for credível, elas próprias se comportam e tomam as medidas que sentem que as protegem.

Por isso, acho que os meios de comunicação social e os jornalistas têm um papel importante nas nossas sociedades, em qualquer altura. Mas, particularmente, nesta crise, têm um papel muito importante em transmitir informação que é científica, baseada em dados, baseada em informação objetiva, que pode ser confirmada, para informar a população, para informar o debate público, para informar o debate político. Porque há um debate político também que tem que ser alimentado. Mas com dados e com evidência científica validada. Também reconhecendo que vivemos ainda num contexto em que há uma grande incerteza, relativamente à evolução futura do vírus. Há muita coisa que ainda não se sabe, os cientistas ainda não sabem. E é importante, neste contexto, tomar medidas que sejam baseadas em fatos e evidência cientificamente confirmada.

Amanda Rossi Pedro Conceição, muito obrigada. Essa conversa foi bastante esclarecedora. Agradeço em nome de todas os nossos mais de 2 mil participantes do curso, em língua portuguesa. Foi um prazer receber o senhor aqui nesse curso.

Pedro Conceição Prazer foi meu. Muito obrigado pela oportunidade.

Amanda Rossi Obrigada.